

O risco de votar no que viu e eleger o que não viu

A grande maioria dos 82 milhões de brasileiros que hoje vão às urnas para o primeiro turno da eleição do futuro presidente da República, depois de uma espera de 29 anos, certamente não estará consciente de um dos aspectos mais importantes — e também preocupantes — do momento político: a diferença de motivação que existe entre o eleitorado e os candidatos que disputam o seu voto.

Enquanto alguns candidatos com reais possibilidades de chegar à Presidência insistem em reivindicar o rótulo e a coloração de esquerda, por vocação ideológica ou esperteza populista, a esmagadora maioria dos eleitores, ou não dá importância a uma divisão que percebe ser claramente artificial, ou simplesmente desconhece o que tudo isso quer dizer. Em outras palavras, esta não é uma eleição ideológica, pelo menos na perspectiva dos eleitores, o que não reduz o risco de que se eleja o mais **ideologizado** dos candidatos.

Alguns dados importantes sobre isso foram colhidos em pesquisa realizada pelo Ibope e publicados no último sábado pelo **Jornal da Tarde**: quase metade dos entrevistados — 41% — não se define ideologicamente; 33% se consideram de direita; 11% de esquerda; 7% de centro; 4% de centro-direita; e 4% de centro-esquerda. Essa confusão ou essa indiferença do eleitorado pelo debate colocado em termos ideológicos fica patente na avaliação que faz dos candidatos. Apenas 35% definem o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, como de esquerda, e a considerável porcentagem de 25% o vê como homem de direita. Apenas 8% identificam o candidato do PSDB, Mário Covas, como de esquerda; 31% o consideram de direita e 26% não sabem como defini-lo. Quanto ao candidato Paulo Maluf, 16% o vêem como homem de esquerda. Um observador europeu, acostumado a lidar com eleitores e candidatos fiéis a idéias e programas, arrancaria os cabelos de desespero, se tentasse enquadrar a nossa realidade política dentro de seus rígidos padrões de análise.

Decididamente, a maioria dos nossos 82 milhões de eleitores pensa e age em frontal discordância com aqueles que pretendem liderá-los. Todos os que conhecem um pouco nossa História recente constataam a falência das grandes lideranças. Não há hoje no Brasil nenhum político com a capacidade de liderança de um Getúlio Vargas, um Juscelino Kubitschek, um Carlos Lacerda, ou mesmo um Jânio Quadros. E como também não temos um sólido sistema partidário, como ficou igualmente claro nesta campanha, é muito tênue a ligação entre o eleitor e o candidato. Por isso, e para usar uma expressão popular, o eleitor hoje corre o grande risco de **votar no que viu e eleger o que não viu**.

A verdade é que os eleitores brasileiros, apesar de terem, em sua imensa maioria, um precário nível de instrução, são dotados de boa sensibilidade. Sua aparente confusão talvez seja provocada apenas pela tentativa de forçá-los a uma definição ideológica num país cujos partidos, a rigor, não têm grandes diferenças programáticas. Suas divergências referem-se a pontos de menor importância. Com apenas duas exceções entre os partidos que lançaram candidatos à Presidência: o PT e o PCB. Estes, sim, são

portadores de uma ideologia que propõe alterações na essência do regime. O que se pode lamentar é que o eleitorado — e neste caso os dados do Ibope são importantes — não tenha percebido ainda o caráter distintivo desses dois partidos.

A diferença de motivação entre o eleitorado e os candidatos, notadamente no caso do PT, é um fenômeno que já pôde ser observado nas últimas eleições municipais, quando o voto de protesto foi careado para candidatos desse partido em algumas das mais importantes cidades brasileiras, a começar por São Paulo. E um dos principais problemas enfrentados pelo PT, à frente das prefeituras conquistadas, tem sido o de entender o exato sentido desse voto, que é um protesto e não uma delegação para mudanças revolucionárias.

É claro que esse fenômeno de divergência de motivações não atinge exclusivamente o PT. Pode atingir qualquer um dos outros partidos e candidatos. Mas há aí uma diferença capital. É que os demais partidos e candidatos, porque não são portadores do mal da **rigidez ideológica**, têm condições de se adaptar às situações. O exemplo que melhor ilustra isso é o do presidente argentino Carlos Menem. Apesar de eleito com base numa plataforma populista, a ausência de rigidez ideológica possibilitou-lhe render-se à dramática realidade da crise econômica de seu país, em vez de tentar a todo custo enfiá-la na camisa-de-força de uma ideologia. Embora em circunstâncias diferentes, o mesmo aconteceu com os socialistas François Mitterrand e Felipe Gonzalez, na França e na Espanha. Mitterrand inclusive embarcou num programa de estatização, que foi obrigado a renegar mais tarde.

O eleitorado não deveria perder de vista, nesta hora decisiva, que a margem de manobra deixada pela crise brasileira atual é quase nula. O saneamento das finanças públicas, por meio de um programa de austeridade, é hoje um imperativo incontornável, para qualquer candidato. Mesmo que o futuro presidente tenha a flexibilidade e a coragem necessárias para adaptar-se a essa dura realidade, sua tarefa já será imensamente difícil. Agora, se ele teimar em aprisionar essa realidade de dentro de uma camisa-de-força ideológica, não é preciso ser vidente para saber o que acontecerá a curtíssimo prazo.

Corremos o sério risco de, por desinformação do eleitorado, termos aqui, em Lula e seu PT, a reencarnação do defunto que Mikhail Gorbatchov está consultando na Europa.